

O STATUS DA TEMATIZAÇÃO NO DISCURSO EDITORIALÍSTICO*

Isaías Moreira FERREIRA (Universidade Federal da Paraíba)

ABSTRACT: In this paper I investigate the 'modus operandi' of thematization in journalistic discourse. My basic assumption relies on the assumption that the thematic choices are related to context. These choices refer to a genre and its communicative goals in a particular context. The first objective was to characterize the thematization within the given discourse while the second objective was to examine the status' thematization the situational and cultural contexts. Taking into consideration Berry's (1989), Hallyday's and Hansan (1989) theories, the analysis of the data suggests that the alternate accurances between interpersonal and topical thematization are based on the rhetorical function of editorial macro-structures. All of them depend on the communicative purpose of editorial discourse.

0. Introdução

Nos últimos anos, tem havido um grande interesse pelos estudos da escrita das comunidades profissionais nos cenários acadêmicos, científicos e de negócios. Uma das razões desse interesse decorre da crença de que a escrita organiza não só nossas relações com os outros, mas também nossa percepção do mundo. Sendo assim, conforme BAZERMAN & PARADIS (1991), ao estudarmos os textos dentro de seus contextos entenderemos melhor como os profissionais constituem e realizam seus trabalhos através dos textos.

Muitos estudos nesta área (Cf. BERRY, 1989; DAVIES, 1988; FRANCIS, 1990; MARTIN, 1986) sugerem que uma das distinções entre os gêneros discursivos reside mormente nas escolhas temáticas e que o sucesso da comunicação escrita consiste, portanto, na habilidade do escritor em balancear com propriedade o uso da tematização¹ interacional e da tematização baseada no tópico (impessoal) consoante à dinâmica requerida pelos diferentes gêneros e tarefas escritas.

Embora vários trabalhos sobre este assunto procurem desvelar as correlações existentes entre a estrutura e processos temáticos de

um texto e o sistema social mais amplo que o embasa, a maioria deles tende a centrar-se no primeiro daqueles aspectos. Relega-se assim, a visão de que as escolhas temáticas de um texto não ocorrem "in vácuo", mas num contexto específico em que o gênero de que participa desempenha uma determinada tarefa comunicativa.

Por isso, partindo de uma perspectiva sócio-semântica, nesta investigação preliminar pretendemos caracterizar a tematização encontrada em editoriais de jornais e analisar o papel das escolhas temáticas neste tipo de discurso específico a partir do Contexto de Situação e do Contexto Cultural em que se inserem.

Nortear-nos pelas questões de pesquisa seguintes: Que tipos de temas figuram nos editoriais de jornais? Como as escolhas temáticas identificadas se relacionam com o contexto situacional e de cultura em que se circunscreve o discurso editorialístico?

Nas seções posteriores, explicitaremos nosso referencial teórico. Na primeira delas, abordaremos a organização temática e sua análise e, na segunda, apresentaremos o modelo hallidayano para análise contextual.

1. O tema e sua análise

As características particulares de gêneros e tipos de textos têm sido apreendidas a partir da análise temática cujo potencial heurístico tem sido reconhecido por diversos trabalhos (tais como: BERRY, 1989; DAVIES, 1991; FRANCIS, 1990; FRIES, 1983).

Nestes trabalhos, geralmente, a abordagem adotada baseia-se em HALLIDAY (1985). Para ele, a oração, como *evento comunicativo*, se estrutura em torno de um **tema** e de um **rema** que combinados formam uma dada mensagem. O tema, constituinte inicial da oração ou sentença, é algum item gramatical (sujeito, verbo, complemento ou adjunto) tomado como ponto de referência do enunciado. E o rema é a parte restante em que se desenvolve a *matéria* veiculada pelo tema.

Segundo este autor, o elemento selecionado tipicamente como tema dependerá da escolha do modo. Assim, nas orações imperativas, o tema será a forma verbal; nas interrogativas, o vocábulo interrogativo e nas declarativas simples, um SN com função

de sujeito gramatical (doravante SG). Neste último caso, tem-se um **tema marcado**, já que "the subject is the element that is chosen as theme un less there is a good reason for choosing something else"(HALLIDAY, 1985, p. 45). Portanto, o tema marcado será qualquer constituinte exceto o sujeito. Suas formas mais usuais são o sintagma adverbial e o preposicional funcionando ambos como adjunto. Já o complemento é tratado como a escolha mais marcada. Para indicar a área limítrofe do tema, há sempre em sua organização um componente ideacional (representante de um processo, de um participante ou uma circunstância de um processo) exercendo o papel de **tema tópico**. Desta forma, o que vier após este componente será automaticamente parte do rema. HALLIDAY assinala ainda que, se a organização temática comportar apenas uma unidade lingüística, sem qualquer estrutura interna posterior, tem-se **tema simples**; e, se comportar além desta unidade mais algum material adicional (adjuntos modais e conjuntivos, conjunções e relativos), tem-se o **tema múltiplo**.

Dentre os aspectos do tema bastante discutidos, a relação entre a função gramatical do sujeito e sua função na conformação discursiva tem se destacado. Por um lado, há aqueles, como FRIES (1983) que defendem a concepção de que o sujeito tem uma 'função meramente gramatical', em nada contribuindo, portanto, para o método de desenvolvimento de um texto. Em contrapartida, o próprio HALLIDAY e outros contestam tal concepção não só pelo sujeito, assim como os demais elementos lingüísticos, ser considerado semântico na origem, mas também por conferir um caráter interativo à sentença. BERRY (1987), ressalta que embora os argumentos em favor das funções discursivas do tema sejam convincentes, eles parecem prematuros ao julgarem o SG como irrelevante para sua consecução, pois, 'sujeito e tema' são importantes para a noção de 'tópico' e para o método de desenvolvimento textual. Por conseguinte, alguns analistas do discurso têm incluso o SG à análise do tema. DAVIES (1991), por exemplo, sub-divide a análise temática em duas partes: uma 'obrigatória', expressa pelo tópico (SG), que identificando o participante central de um processo qualquer, faz a maior contribuição para reconhecimento e manutenção da continuidade tópica de um texto. E a outra, 'opcional', expressa pela 'indicador contextual' (contextual frame) realizado por quaisquer elementos precedentes ao tópico que indique mudanças de sinalização nas circunstâncias do mundo real/ficcional do discurso.

A incorporação do SG à análise temática possibilita a verificação de certas peculiaridades que diferenciam a escrita bem sucedida da mal-sucedida em cada gênero. Partindo desta assunção, ao analisar as opções temáticas efetuadas por crianças na produção de um texto sobre 'Granthan' que fosse adequado para integrar um guia turístico, BERRY (1989) esboçou uma classificação que distinguiu uma 'tematização interacional' (revelada por uma palavra/frase em que se mencionasse o escritor e/ou leitor(es) da 'tematização baseada no tópico' (manifestada por uma palavra/frase que se relacionasse com a área tópica do texto).

A tematização interacional foi concebida como 'pessoal' quando referenciou um dos interlocutores em particular e como 'coletivo' quando se referiu a ambos em conjunto. Já a tematização baseada no tópico abrangeu os temas relacionais, os de desenvolvimento e os de continuação do tópico. Os temas de desenvolvimento do tópico são aqueles que introduzem algum novo aspecto sobre a cobertura do tópico. Os temas de continuação tópica (expressos pelo SG elíptico e pronomes de 3ª pessoa) permitem apenas a continuidade da cobertura topical, sem entretanto, acrescentar-lhe informação ou aspecto novo, nem tampouco indicar o retorno a uma perspectiva particular depois de uma lacuna. E os temas relacionais (expressos por repetição lexical e hiperonímia) estabelecem a relação de um novo aspecto do tópico ao tópico como um todo, sem indicar realmente qual é esse novo aspecto. Eles se assemelham aparentemente aos temas de desenvolvimento, porém, na verdade eles constituem um caso à parte.

Embora a classificação resumida acima enquadre e discrimine eficazmente um conjunto de opções temáticas verificadas num dado texto, as suas funções sócio-semânticas só poderão ser devidamente explicadas em correlação ao contexto situacional e cultural do discurso. Isto porque "... the sets of linguistic choices made by speakers in particular places in complexes of social configurations, that is, the kind of texts produced are effects of and determined by the contingent social practices and meaning of the structure in which linguistic agents make their choices and produce their texts". (KRESS, 1989, p. 448).

2. O contexto situacional e cultural do discurso

Sob o prisma sócio-semântico, a língua consiste num sistema de significados potenciais dispostos paradigmaticamente em diversas redes de opções interrelacionadas que são avaliáveis segundo as funções que são requisitadas a exercer em algum contexto. O ambiente para o conjunto total dessas opções é o **contexto de cultura**, enquanto que o **contexto de situação** é o ambiente imediato de qualquer seleção particular efetuada dentro deles. Assim, em oposição a palavras ou sentenças isoladas, o texto é uma unidade de língua em uso, ou seja, uma unidade lingüística que está realizando alguma tarefa em um contexto definido.

Segundo HALLIDAY (1989, p. 12), a descrição do Contexto Situacional pode ser efetuada por meio de um arcabouço conceptual com três componentes: o campo (field), o tenor (tenor) e o modo (mode) do discurso.

O **campo do discurso** se refere 'ao que' está acontecendo, isto é, à natureza da ação social em que os participantes estão engajados. Envolve tanto os diversos tipos de atos que estão sendo realizados quanto o(s) seu(s) objetivo(s)².

O **tenor do discurso** concerne a 'quem' está tomando parte numa determinada atividade social, à natureza dos interactantes, seus status e respectivos papéis, bem como a instauração de toda classe de relações (temporárias ou permanentes) socialmente relevantes. Portanto, assenta-se sobre o 'grau de controle' (ou poder) que um dos participantes exerce sobre o(s) outro(s); e sobre a 'distância social' pode, numa escala, oscilar entre máxima e mínima. Obviamente, quanto menor for a distância, maior será o grau de familiaridade entre os interactantes, afetando, conseqüentemente, o estilo de comunicação.

E, finalmente, o **modo do discurso** relaciona-se à parte da linguagem que está em jogo no processo interativo e 'como' ela é utilizada pelos actantes para corresponder ao que se espera que ela faça por eles. Compreende desde a organização simbólica do texto, seu status e sua função no contexto até o seu canal e constituição retórica. Neste componente, HASAN (1989, p. 57-59), salienta os seguintes aspectos: o papel da linguagem, o processo de compartilhamento, o canal e o meio. O primeiro diz respeito ao fato de a linguagem poder exercer o papel de 'constitutiva ou ancilar' de uma dada atividade social. O segundo constitui a possibilidade ou

não do destinatário poder compartilhar o processo de criação de um texto enquanto este se estrutura. Tal processo manifesta-se em diferentes graus, podendo ir do mais ativo (diálogo) até o mais passivo (palestra formal) dependendo do canal. O terceiro consiste na modalidade através da qual o destinatário entra em contato com as mensagens do emissor. Há dois tipos: o canal fônico e o gráfico. E o quarto e último, compõe o padrão dos fraseados em si, que pode ser falado ou escrito. A diferença entre os dois também é uma questão de grau. Embora fenômenos distintos, o 'canal' e o 'meio' estão relacionados, uma vez que a variação neste é um produto da variação daquele. Ambos, porém, podem não ser congruentes, pois a questão é decidida pela natureza não só do canal, mas também da atividade e da relação social entre os participantes. Sendo assim, pode ocorrer interpenetrações.

Cada um desses componentes pode ser entendido como uma variável representada por valor(es) específico(s) cujo somatório compõe uma 'Configuração Contextual' particular que age sobre a língua quando está sendo utilizada. Logo, o contexto da situação em que o texto foi enunciado está contido no próprio texto através de relações sistemáticas entre o ambiente social de um lado e a organização funcional da linguagem de outro³. Por isso, ele nos possibilita explicar porque certas coisas foram ditas ou escritas nesta ocasião específica e o que mais pode ser dito ou escrito e não foi.

Mesmo não fornecendo um modelo lingüístico separado do Contexto de Cultura, HALLIDAY (1989, p. 46), ressalta que ao descrever o contexto situacional é significativo estabelecer algumas coordenadas do 'background' institucional e ideológico⁴ que atribui valor ao texto e contém sua interpretação.

3. Metodologia

3.1 Corpus

Utilizamos quatro editoriais dos jornais seguintes: Folha de São Paulo, Diário de Pernambuco, Correio da Paraíba e O Norte.

3.2 Limitação

Selecionamos um pequeno número de editoriais devido ao exame do contexto situacional e cultural de cada texto, o que se

tornaria impraticável com um grande número de textos. Em compensação, pudemos observar mais detidamente características genéricas comuns aos editoriais de fontes jornalísticas diferentes.

3.3 Procedimentos de Coleta

Embora HALLIDAY (1985, p. 62) afirme que a principal contribuição informacional do texto advém da estrutura temática das orações independentes, examinamos os temas de orações principais no início das sentenças declarativas, já que nosso propósito é fornecer uma imagem mais clara dos padrões temáticos do discurso editorialístico sem organização secundária. Ademais, assim como BERRY (1989, p. 71), julgamos que devíamos nos concentrar naqueles temas que fossem significantes para a organização textual e consciência do gênero.

Tomamos como 'tema' tudo o que precedeu o verbo da oração principal, centrado-nos porém no seu elemento tópico (SG). Excetuando-se, todavia, o sujeito quando expresso por uma oração subordinada substantiva subjetiva em que, estruturalmente, na língua portuguesa, figura posposto à oração principal. Neste caso, consideramos como tema até o primeiro elementos ideacional posterior à oração principal, que foi enquadrado como indicador contextual. E os temas cujos tópicos sofreram elipse anafórica ou exofórica⁵, assim como os 'temas vazios' (expressos pelo verbo existencial 'haver') também foram codificados em nosso estudo.

3.4 Tratamento dos dados

Realizamos a categorização dos temas inventariados com base em BERRY (1989) e de acordo como HALLIDAY & HASAN (1989), analisamos o papel das escolhas temáticas a partir do contexto situativo e cultural em que o discurso editorialístico se insere.

Empregamos a porcentagem para verificar a ocorrência de cada uma das categorias temáticas observadas, mesmo tendo nosso estudo caráter predominantemente qualitativo.

4. Análise e discussão dos resultados

Nesta seção, inicialmente, apresentaremos os resultados da análise dos temas investigados nos editoriais, a fim de sabermos de que espécie são. Em seguida, procederemos à descrição situacional e cultural dos textos cotejados, de modo a termos subsídios para, posteriormente, discutirmos a interconexão das escolhas temáticas e a configuração contextual do discurso editorialístico.

4.1 Opções temáticas efetuadas nos textos

Elemento(s) no início da sentença	Qtd.	%
ES	29	50
IC + GS	23	39,7
SEM IC/GS	6	10,3
TOTAL	58	100

Tabela 1: Composição dos Temas Presentes nos Editoriais

Conforme tabela anterior, os elementos no início das sentenças do corpus consistiu de Sujeito Gramatical (SG), sujeito antecedido por algum Indicador Contextual (IC + SG) ou, mais esporadicamente, por qualquer outro elemento (SEM IC/GS). O baixo índice de ocorrência deste último caso justifica sua exclusão do presente estudo. Já a posição proeminente exercida pelo SG (totalizando 89,7% das ocorrências) que sob o estatuto de tema marcado, quer de não marcado, parece ratificar sua análise como relevante para caracterização genérica dos editoriais.

Dentre os tipos de escolhas temáticas identificadas nos editoriais, verificamos, de acordo com a Tabela 2, abaixo, que uma grande parte delas (84,6%) se dá por meio de temas baseados no tópico, enquanto uma pequena parcela (15,4%) se forma por temas interacionais.

SEGMENTO ESTRUTURAL	TIPO DE TEMATIZAÇÃO									
	BASEADO NO TÓPICO						INTERACIONAL			
	Desenvolvimento do Tópico		Continuação do Tópico		Relação Coesivo-Textual		Pessoal		Coletivo	
	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%
<i>Introdução</i>	9	17,3	2	3,9	2	3,9	2	3,9	2	3,9
<i>Discussão</i>	20	38,4	5	9,6	2	3,9	-	-	2	3,9
<i>Conclusão</i>	4	7,6	-	-	-	-	1	1,9	1	1,9
Sub-Total	33	63,3	7	13,5	4	7,8	3	5,8	5	9,6
	44/84,6%						8/15,14%			
TOTAL	52/100%									

Tabela 2 Distribuição Temática na Estrutura Textual dos Editoriais.

Nos temas baseados no tópico a maior incidência foi daqueles com função de desenvolvimento do tópico (63,3%), seguida pelos de continuação (3,5%) e pelos relacionais (7,8%).

Notamos, contudo, que há uma certa oscilação na ocorrência desses temas conforme a seção do texto em que se encontra. Sendo assim, os temas de desenvolvimento do tópico mostram 17,3% de suas ocorrências na introdução; 38,4%, na discussão e 7,6% na conclusão. Os de continuação tópica, 3,9% na introdução; 9,6% na discussão e não aparecem na seção final. E os relacionais ocorrem 3,9% na introdução; 3,9% na discussão e, assim como os anteriores, não figuram na conclusão dos textos.

Por outro lado, constatamos que a tematização centrada nos agentes discursivos realiza-se tanto na forma pessoal (5,8%) quanto coletiva (9,6%). Sendo que na primeira restringiu-se a referência/alusão aos interlocutores, sem nenhuma ocorrência em que o editorialista responsável pelo editorial se colocasse na primeira pessoa. Além disso, apareceu apenas na introdução (3,9%) e na conclusão (1,9%). Enquanto que na segunda forma, manifestou-se na introdução (3,9%), discussão (3,9%) e conclusão (1,9%). Vale ressaltar ainda, que a tematização interacional coletiva quando expressa pela referência/alusão ao enunciador/enunciário(s) deu-se como elipse do pronome pessoal do caso reto (nós).

4.2 Descrição situacional e cultural dos textos

4.2.1 Campo do discurso

Natureza da atividade social:

Editorial 1 (Fator 94):

Ato: Manifestação de comentário sócio-político sobre a influência da sucessão presidencial em 1994 no encaminhamento de propostas e posições do Governo (Federal) ao Congresso Nacional.

Objetivo: Ressaltar a necessidade de que tal encaminhamento seja feito mediante uma coordenação política realmente atuante e combativa.

Editorial 2 (Retorno Zoológico)

Ato: Manifestação de comentário sócio-político sobre o retorno do terrorismo ao cenário mundial.

Objetivo: Alertar a comunidade mundial para o fato de que o progresso civilizatório não prescinde da erradicação sumária de todas as formas de terrorismo.

Editorial 3 (A Saga das Terras de Ninguém)

Ato: Manifestação de comentário sócio-político sobre a inoperância do Governo (Federal e Estadual) quanto a implementação de uma política de reforma agrária com a devida assistência à produção agrícola.

Objetivo: Assinalar que basta uma decisão do Governo para que as 'reais causas' dos problemas enfrentados pelo homem do campo (tais como a seca, a disputa de terras etc) sejam eliminados a partir de algumas simples medidas político-administrativas.

Editorial 4 (Ameaça no Comando)

Ato: Manifestação de comentário sócio-político sobre o desempenho do Governo e dos representantes classistas na discussão do reajuste salarial a ser adotado mensalmente no quadro da política anti-inflacionária.

Objetivo: Apontar a expectativa geral de que haja um esforço concentrado dos envolvidos na discussão, de modo que possibilite o combate efetivo da inflação, caso contrário o Ministro da Fazenda retire-se do cargo e acarreta novos achaques aos brasileiros.

4.2.2 Tenor do discurso

4.2.2.1 Interactantes envolvidos

Editorial 1 Jornal Folha de São Paulo e Governo Federal.

Editorial 2 Jornal Diário de Pernambuco e Comunidade Mundial (representados primordialmente pelos dirigentes das nações e de organismos governamentais ou não, bem como pela população em geral).

Editorial 3 Jornal Correio da Paraíba e Governos Federal e Estadual.

Editorial 4 Jornal O Norte e o Governo (representado pelo presidente Itamar e pelo ministro Fernando Henrique Cardoso) e os representantes classistas (empresários e sindicalistas).

4.2.2.2 Status e papéis interacionais dos actantes discursivos

Em todos os editoriais analisados, os jornais têm o status de um avaliador informal (opinante) de desempenho social, ao passo que os seus principais interlocutores (Governos, representantes classistas e organismos institucionais ou civis) são os agentes sociais de gerenciamento de instituições diversas cuja atuação é avaliada. E os papéis interacionais exercidos pelos actantes constituem uma díade hierárquica, já que os primeiros têm um certo poder sobre os segundos quanto à censura ou aprovação de seu desempenho social.

4.2.2.3 Distância social entre os actantes: máxima

4.2.3 Modo do discurso

4.2.3.1 Papel da Linguagem: ancilar, pois a linguagem verbal atua apenas como subsidiária da atitude de comentário suscitada pelo texto integral.

4.2.3.2 Processo de compartilhamento: mais passivo, já que, sendo os textos expressos pelo canal gráfico, não ensejam um 'feedback' imediato por parte do destinatário no processo comunicativo.

4.2.3.3 Meio: escrito (caracterizando-se por grande densidade lexical e complexidade sintática).

4.2.3.4 Constituição retórica: Publicados em destaque na página opinativa e não sendo assinados, os textos analisados configuram-se como editoriais, ou seja, artigos jornalísticos em que se definiram e manifestaram o ponto de vista oficial dos jornais (de onde foram extraídos) sobre os 'temas' e

ocorrências que sendo de maior repercussão no momento foram abordados. De tom pretensamente objetivo, os editoriais apreciados são escritos com predominância da 3ª pessoa do singular. Além disso, têm caráter eminentemente persuasivo, pois visam instigar os indivíduos de per si e a coletividade em geral a posicionar-se e agirem consoante ao que foi opinado.

4.2.4 Assunções ideológicas subjacentes aos textos examinados

Editorial 1.

- a) A inflação traz sérios malefícios a atividade produtiva e financeira da sociedade .
- b) Segundo a práxis política, quando um integrante do Governo se notabiliza por sua atuação é comum utilizar-se de seu prestígio popular para candidatar-se a algum cargo administrativo nas próximas eleições.
- c) Em ano eleitoral costuma-se (des)aprovar os projetos de grande repercussão social enviados ao legislativo consoante a opinião pública.
- d) Em situação adversas, como a iminência de eleições para sucessão presidencial, só uma forte e acirrada articulação política (que mantenha um permanente contato com a base de sustentação do poder constituído) é capaz de garantir a governabilidade do país.

Editorial 2

- a) As expectativas de que as benéficas mudanças sociais ocorridas no mundo inteiro concorresse para melhoria do 'modus vivendi' dos seres humanos ruíram frente à onda de violência praticada sob as formas mais hediondas e atroz.
- b) O terrorismo como uso ou ameaça de violência para conquistar ou conservar o poder quer seja por grupos organizados, aparelhos estatais de repressão, quer por nações rivais representa os resquícios mais bárbaros e anti-civilatórios de nossa herança primata.
- c) Caso o homem não procure desvencilhar-se dos grilhões animais que ainda o subjuga, fracassará em seus ambiciosos propósitos de domínio cósmico.

Editorial 3

- a) O Governo só dispense atenção aos agricultores em épocas críticas como nos conflitos de disputa de terras, mesmo assim por meio de uma política inadequada que tem dizimado centenas de trabalhadores e sindicalistas.
- b) Ao invés de resolver as causas dos problemas que assolam os trabalhadores rurais o Governo (tanto Federal quanto Estadual) continua tomando medidas paliativas que sanam apenas temporariamente os efeitos mais imediatos.
- c) Não há vontade político-administrativa para erradicação dos problemas agrários do Nordeste em geral e da Paraíba em particular porque lhes servem a fins eleitoreiros.
- d) A elevação do nível de vida das populações rurais só advirá com a decisão governamental de viabilizar a realização planejada de reforma agrária, bem como de incentivo financeiro e apoio técnico à produção agrícola, como preconiza os manuais técnicos.

Editorial 4

- a) Não há previsibilidade alguma de como o Governo pretende combater a inflação.
- b) A discordância entre os parlamentares e o Governo Itamar podem acarretar conseqüência mais desastrosas do que as suportadas até o momento pela sociedade.
- c) As partes implicadas na discussão sob a forma de reajuste mensal projetam a solução do problema no porvir, ao contrário de abdicar conjuntamente de certas exigências e buscar o entendimento no presente.
- d) A ameaça do Fernando Henrique de retirar-se do Ministério da Fazenda, caso não se chegue a um acordo rápido, denota uma atitude desesperada de conscientizar que é necessário empenho e cooperação de todos para se obter algum consenso.

4.3 Conexão entre as opções temáticas e a configuração contextual do discurso editorialístico

Apesar dos componentes contextuais poderem se refletir em várias áreas lingüísticas do texto (por exemplo, no vocabulário) envolvendo as múltiplas funções semânticas da linguagem, discutiremos, nesta seção, apenas as relações existentes entre aqueles componentes e as características específicas das escolhas temáticas observadas, atendo-nos sobretudo àqueles aspectos que

proporcionem algumas intravisiões para caracterização do gênero editorialístico. Sendo assim, nossa discussão não será exaustiva.

Das relações estabelecidas entre as opções temáticas e o modo do discurso destacamos as seguintes.

Constatamos que as escolhas de temas tanto não marcados quanto marcados resultaram da natureza persuasiva do editorial. Logo, os primeiros aparecem mais na introdução e na conclusão, e os segundos, na discussão, por servirem mais diretamente ao propósito comunicativo de argumentação.

A escolha predominante de temas baseados no tópico decorre dos editoriais se centrarem objetivamente no evento/questão que abordam, pretendendo destacar o conteúdo de suas informações e avaliações.

Prestando-se à veiculação dos significados ideacionais, tais escolhas são exploradas pelos editorialistas para fornecer um esquema estrutural que indique o desenvolvimento de seus textos, a exemplo do que acontece no editorial 'Ameaças no Comando' em que seus nove temas baseados no tópico aparecem em intervalos razoavelmente regulares e indicam o modo como o conteúdo foi organizado.

Além disso, os tipos de temas baseados no tópico se distribuem consoante a dinâmica macro-estrutural dos editoriais. Conseqüentemente, por introduzirem sempre novas informações ou aspectos sobre o tópico, os temas de desenvolvimento têm maior incidência que os demais. Já os de continuação tópica e os relacionais têm frequência igualada na introdução e conclusão, e diferenciada na discussão, pois alternando retomadas de itens lingüísticos com ou sem ligeira alteração semântica, permitem em conjunto somente a manutenção do tópico discursivo.

Verificamos ainda que há um ponto no qual as escolhas temáticas analisadas manifestam a interseção entre a **objetividade** requerida pelo modo do discurso e o distanciamento do enunciador do editorial de sua enunciação, devido ao seu caráter institucional revelado pelo tenor. Nesta situação, foram empregados temas cujo elemento tópico encontra-se impessoalizado pelo uso da terceira pessoa gramatical, generalizado por uma forma pronominal coletiva **nós** ou mais raramente indeterminado. Ocultando no co-texto os

índices de subjetividade do enunciador, estes temas criam como efeito de sentido a objetividade, que mascara a atitude pessoal subjacente ao comentário e atribui maior valor de verdade aos enunciados. Desta forma, o locutor distancia-se de sua enunciação para melhor convencer pelos seus enunciados; não é ele quem diz, mas os fatos cuja veracidade é irrefutável. Dando a impressão de um discurso social homogeneizado, o editorial legitima sua autoridade enunciativa e instaura um 'contrato fiduciário' através do qual tenta persuadir os seus principais interlocutores - representantes dos setores que interferem ativamente nos movimentos sociais, econômicos, culturais e políticos - a conservar ou modificar o rumo das instituições que dirigem (cf. LANE, 1967).

Esta interseção explica não só a redução quantitativa dos temas interacionais observados, mas também sua restrição qualitativa. Pois, tanto na forma pessoal quanto coletiva, os temas interacionais fizeram referência quase que exclusivamente aos interlocutores do discurso, havendo apenas, no editorial 'Retorno Zoológico', duas alusões ao enunciador/enunciatário tomados conjuntamente, mesmo assim, disfarçados numa elipse pronominal (nós) presente na introdução e conclusão.

Devemos considerar também que a linguagem como forma de ação social sempre instrui seus usuários a assumirem determinadas posições nas interações particulares, de maneira a atuarem como certos tipos de enunciadores em determinadas espécies de discursos. Assim, no papel de porta-voz da instituição jornalística, cabe ao editoralista exprimir no editorial não o que ele, em particular, pensa, "... mas o somatório do que pensa uma expressiva parcela da opinião pública, representada pelo grupo que fundou, orienta e mantém o jornal" (BELTRÃO, 1980, p. 52). Tem-se assim, no dizer de MOSCA (1992) um **discurso institucional** com duplo estatuto enunciativo: falar em nome da coletividade e do jornal em prol de intentos congêneres.

No que tange ao campo do discurso, nota-se sua influência maior sobre as escolhas temáticas na determinação semântica de seus itens lexicais oriundos na sua maioria do universo social.

Nossos dados sugerem um padrão temático que varia progressivamente segundo os objetivos retóricos de cada um dos segmentos macro-estruturais do texto. Percebe-se uma certa

parcimônia no emprego de temas interacionais, mormente dos ditos 'coletivos', quando aglutinadores de ambos interactantes. Provavelmente, eles devem restringir-se ao início e ao fim dos editoriais, já que nestas partes é desejável a presença de uma 'face humana' que suscita maior empatia do leitor. Em contraposição, os temas baseados no tópico são mais recomendáveis na parte destinada à discussão argumentativa do assunto/fato abordado, uma vez que capacita a produção do resumo de um texto. "That is well oriented to a reader looking for information. The resulting text is relatively quick to skim read, easy to find one's way around in and workable to summarise or to make notes from. Just reading the themes, or reviewing the themes... after an initial reading, may do the trick" (MARTIN, 1986, p. 39-40).

5. Considerações finais

A menor ou maior 'visibilidade do enunciador no discurso' pode ser obtido mediante a seleção, conforme o propósito comunicativo, de um elemento tópico caracteristicamente impessoal ou interacional, o que lhe permite, respectivamente, distanciamento ou engajamento pessoal com o seu enunciado (cf. DAVEIS, 1988).

No discurso editorialístico, segundo parece sugerir nossa análise, o editorialista utiliza-se dessa seleção ora para, ocultando-se de seu enunciado, obter mais efeito de objetividade e, por conseguinte, maior credibilidade para o que afirma, ora para envolver seu interlocutor e convencê-lo ou a prosseguir a leitura do texto ou a aderir ao ponto de vista adotado, enquadrando seu procedimento nas diretrizes traçadas. Tais estratégias concorrem para um padrão progressivo e subsequente acréscimo de tematização interacional na introdução e conclusão com um predomínio da tematização baseada no tópico na discussão.

Contudo, estes resultados são apenas indicativos, pois conclusões mais decisivas deverão advir de outras pesquisas com um corpus maior e com dados também de outras fontes. Ademais, é desejável que pesquisas futuras investiguem quais são os tipos peculiares de Indicadores Contextuais que aparecem na estruturação temática dos editoriais com suas funções correspondentes, já que tais elementos também são relevantes para caracterização deste gênero.

A abordagem seguida neste estudo mostra ser potencialmente promissora para outras pesquisas - que visem investigar como diferentes tipos de textos de determinada área profissional são caracterizados por espécies particulares de temas - e para possível aplicação no processo ensino/aprendizagem de tipos específicos de gêneros, como o editorial, já que poderia desenvolver a proficiência dos alunos quanto à utilização dos dois tipos de tematização, conforme sua adequação à natureza da tarefa escrita empreendida, acarretando em maior coerência do discurso (cf. FRANCIS, 1990, p. 86).

NOTAS

- * Essa pesquisa resultou de uma versão revisada de um trabalho apresentado à prof^a. Dr^a Heloisa Collins como exigência final para a conclusão da disciplina "Tópicos em Análise do Discurso: Interpessoalidade e Modalidade ministrada no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas da PUC de São Paulo no segundo semestre de 1993.
- 1 Concebemos a **tematização** como o processo discursivo através do qual o falante/escritor escolhe pôr em primeiro plano no enunciado o que considera o ponto de partida de sua mensagem.
- 2 Segundo DAVIES (1992, p. 25), como não parece haver exigência do gênero editorialístico de que o escritor explicita os seus objetivos ao avaliar questões/eventos sócio-políticos correntes, devemos deduzí-los dos objetivos dos participantes nas questões/eventos sob discussão.
- 3 Estas relações sistemáticas são manifestadas textualmente por meio das sentenças que se prestam, como compósito multifuncional à veiculação lingüística dos significados ideacionais (transitividade, conteúdo lexical etc), interpessoais (modo, modalidade, pessoa, etc) e textuais (tematização, dêixis, distribuição e foco de informação etc) correlacionados com as características específicas do campo, tenor e modo, respectivamente (cf. HALLIDAY, 1974).
- 4 Tomamos **ideologia** aqui, em seu sentido amplo, como conjunto de idéias, valores, assunções, procedimentos, regras, pensamentos, concepções filosóficas e intelectuais que orienta os indivíduos à determinadas ações de uma maneira 'partidária' e que se reproduz sob as mais variadas formas de expressão (moda, artes, costumes, linguagem verbal, etc).
- 5 Em nossa análise, as elipses anafórica e exofórica dos SGs integraram as subcategorias de temas de continuação tópica e temas interacionais coletivos, corresponden-temente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAZERMAN, C. & J. PARADIS (1991) **Textual Dynamies and the Professions**. Madison, Wis: U. W. P.
- BELTRÃO, L. (1980) **Jornalismo Opinativo**. RS: Sulina/ARI.

- BERRY, M. (1987) *The functions of place-names*. In T. T. Petre & M. Gelling (eds) **Leeds Studies in English. New Series XVIII**. Leeds: University of Leeds.
- ____ (1986) *Thematic options and success in writing*. In C. S. Buther et alii (eds) **Language & Literature: Theory and practice. A tribute to Walter Granberb**: 62-80. Nottingham: University of Nottingham.
- CORREIO DA PARAÍBA (Editorial A Saga das Terras de Ninguém), 07 jul., 1993, Caderno 1, p. 4.
- DAVIES, F. (1988) *Reading between the lines: thematic choice as a device for presenting writer viewpoint in academic discourse*. In **Especialist**, 9(1/2): 173-200.
- ____ (1992) **Marked Theme: Argument as heuristic for analysing genres and text-types**. Manuscrito inédito (mimeo).
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO (Editorial Retorno Zoológico), 11 jul., 1993, Caderno 1., p. 2.
- FOLHA DE SÃO PAULO (Editorial Fator 94, 16 julho, 1993, Caderno 1, p. 2.
- FRANCIS, G. (1990) *The in the day press*. In **Occasional Papers in Systemic Linguistics**, 4: 51-87. Nottingham: University of Nottingham.
- FRIES, P. (1983) *On the status of theme: argument form discourse*. In J. Petöfi & E. Sözer (eds) **Micro and Macro Connexity of Texts Papers in Textlinguistics**, 45. Hamburg: Helmut Buske.
- HALLIDAY, M. A. K. (1974) **Explorations in the Functions of Language**. London: Edward Arnold.
- ____ (1976) *Estrutura e função da linguagem*. In J. Lyons (org.) **Novos Horizontes em Lingüística**: 134-160. SP: Cultrix/EDUSP.
- ____ (1985) **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold.
- ____ & R. HASAN (1989) **Language, Context and Text: Aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press.
- KRESS, G. R. (1989) *History and language: towards a social account of linguistic change*. In **Journal of Pragmatic**, 13: 445-466. North-Holland: Elsevier Science Publishers.
- LANE, J. et alii. (1967) *Functions of mass media in Brasil's 1964 crisis*. In **Journalism Quaterly**, 44(2).
- MARTIN, J. R. (1986) *Inteviening in the process of writing development*. In C. Painter & J. R. Martin (eds.) **Writing to Mean**:

Teaching genres across the curriculum. Occasional Papers, 9: 11-43. Applied Linguistic Association of Australia.

MOSCA, L. do L. S.(1992) *A voz institucional*. In **XXII Anais de Seminários do GEL:** 263-273. Jaú, SP: Fundação Educacional Dr. Raul Banab.

O NORTE, (Editorial 'Ameaças no Comando'), 24 jul., 1993, Caderno 1, p. 4.

ANEXOS

1 Fator 94 (Folha de S. Paulo, 16/07/1993)

A fragorosa derrota do governo a definição da política salarial deixa claro que os já duros desafios do combate ao mal inflacionário se vêem sobremaneira magnificados pela questão da sucessão presidencial de 1994.

De fato, não importa o que o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, diga, ele é visto nos meios políticos como candidato natural à sucessão do presidente Itamar Franco - caso o seu programa de estabilização encontre sucesso. Essa situação faz com que os círculos já comprometidos com alguma candidatura - real ou potencial - se vejam tentados a trabalhar contra os projetos do ministro.

A votação na Câmara é um bom indicador do tamanho da oposição a Fernando Henrique. Com efeito, como era de se esperar, as bancadas do PT, PPR, PDT e parte do PMDB, ligadas às prováveis candidaturas de Lula, Maluf, Brizola e Sarney, entre outras, votaram em peso contra o substitutivo do Senado que estabelecia em 60% da inflação passada o reajuste mensal dos salários. A novidade, contudo, é que o PP e o grupo do PMDB liderado por Quéricia também se opuseram à proposta que contava com o apoio do governo.

Há que se considerar que outros projetos importantes para o ajuste econômico como os cortes no Orçamento e a Lei de Diretrizes Orçamentárias foram aprovados sem maiores dificuldades. Ocorre porém que - ao contrário do que acontece com a concessão de reajuste mensal aos salários, extremamente popular - opor-se a essas medidas não vale o ônus político de ver-se identificado como "sabotador do plano" ou de indispor-se com o governo.

Agora que o planalto já testou a força com que o fator 94 trabalha contra seu plano de ajuste, é de se esperar que redobre seus esforços no encaminhamento de suas propostas e posições, mediante uma coordenação política digna deste nome.

2 Retorno zoológico (Diário de Pernambuco, 11/07/1993)

Certas expectativas recorrentes do esfacelamento do império soviético começaram, tristemente, a murchar. O término da "guerra fria", o esvaziamento do confronto ideológico, a multiplicação dos acordos internacionais gerando blocos econômicos poderosos e derrubando barreiras seculares, davam a esperança de que um dia novo estaria, na realidade, amanhecendo.

Estamos despertando para a verdade. E um dos sintomas mais dolorosos de nossa civilização, uma das suas marcas mais visíveis, renasce diante dos nossos olhos estupefatos. É o retorno do terrorismo, com todas as suas sequelas malditas, alertando-nos de que o mundo ainda se encontra ferido por patologia mortal e o destino do homem continua sendo, neste final do século, a mais amedrontadora das interrogações.

Ao lado dos matadores fanatizados do Eta ou do Ira, cujos ideais em si respeitáveis terminaram caindo em processo de putrefação sob a camada de sangue inocente que os recobre, focos antigos e novos de violência rebentam como pústulas apodrecidas no corpo angustiado do mundo.

Porque não passa de terrorismo a ação selvagem dos sérvios violentando mulheres muçulmanas na Bósnia/ Hersegovina e trucidando crianças como animais ferozes: terrorismo a brutalidade israelita contra a população palestina dos territórios ocupados; terrorismo atos homicidas como o praticado contra o World Trade Center, nos Estados Unidos; terrorismo o massacre frio e covarde dos presos paulistas em Carandiru; terrorismo o renascimento da bestialidade nazista, assassinando imigrantes turcos, renovando ameaças aos judeus, como se não bastassem os seis milhões imolados na fúria satânica do holocausto...

Como explicar isto, depois da Segunda Guerra Mundial, onde a mocidade do mundo inteiro derramou generosamente seu sangue pensando construir uma civilização nova?

Fascismo, nazismo, liberalismo, ditaduras, democracia... é terrível pensar que sob qualquer desses rótulos ou império dessas filosofias, tão díspares às vezes, se abriguem os mesmos demônios famintos por carne humana, canibais danados açoiados por todas as fúrias infernais.

A injustiça, a discriminação, a exploração, o preconceito, o ódio, a miséria obscena, a desumanidade... estão na base da civilização que vivenciamos, sem o senso da solidariedade humana e a inspiração do espírito.

Será isso a explicação última para a catástrofe? é terrível observar a perpetuação dos mesmos crimes e a prática dos mesmos horrores. Não podemos aceitar que a caminhada do cavernícola até a fronteira das estrelas, termine tão melancolicamente numa queda de Ícaro fracassado na abjeção das origens zoológicas.

E os agricultores voltaram a deixar o campo para protagonizar nova cruzada pelas praças. Vez em quando eles voltam, é como um fenômeno cíclico que se repete a cada período de crise. Há tempos falta-lhes terra para plantar. E não somente terras. Falta assistência, falta crédito, falta atenção do Governo Federal.

As frentes produtivas de trabalho, que já foram frentes de emergência, mudaram de nome, mas não mudaram a prática. São sempre paliativas e sempre improdutivas. Entregues à própria sorte, os camponeses são vítimas fáceis do desespero. A luta pela sobrevivência está acima da capacidade para enfrentar as vicissitudes.

Não é surpreendente, portanto, que deixem o campo, para invadir as cidades, em busca da Canaã que o Governo promete há décadas, há séculos, e nunca vem. Quantos mártires não já tomaram para irrigar o caminho até a terra da promessa? Os manares costumam ser as balas. E o sangue tem fertilizado muita terra.

É evidente, também, que muitos têm se aproveitado da aflição desses desertados pelo Governo, para, infiltrados, tirarem proveito próprio. Um indigno dividendo político-eleitoral. Insuflam, estrumam, instigam ao abismo, e depois se refestelam em contemplar o martírio dos desesperados, e aparecem como heróis, e surtem efeito.

Mas, o mérito do problema está na raiz. O homem do campo não seria presa fácil das aves de rapina, caso o Governo tivesse uma política adequada que o amparasse nas catástrofes, como a seca, por exemplo, e que o mantivesse assistido do básico, do essencial, para produzir para si e para os demais brasileiros.

A ausência de sensibilidade, ao longo de décadas, é realmente o vilão dessa história de agonias, porque tem passado o homem do campo. A superação somente virá com a decisão político-administrativa de encarar a realidade de frente, e adotar as medidas, tão simples segundo os manuais técnicos, para resgatar estes párias, que perdem a esperança. Porque esperar também cansa.

4 Ameaças no comando (O Norte, 24/07/1993)

A luta contra a inflação toma os rumos mais incertos e pouco esperados. O Governo se desespera com os seus convidados à mesa de negociações e quase perde o controle. Foi assim na semana passada e, pelo jeito, será até o fim. O presidente de um lado e o ministro da Fazenda de outro tentaram encurralar os representantes classistas com o discurso dos que já indicam que podem perder a calma, mas dizem com todas as letras que já a perderam.

A discussão sobre o reajuste salarial foi um bom termômetro para que a população possa aferir as condições de negociações sobre outros temas polêmicos, como as reformas Fiscal e Tributária e mais adiante, a revisão constitucional. Em todos esses casos a tônica do discurso parece que será forte de níveis discordantes. Os resultados poderão não aparecer, mas as discussões prometem entornar o caldo.

Assim tem sido desde o começo. O fim possivelmente não será diferente. Apesar disso, as partes da sociedade diretamente ligadas ao desfecho dessas novelas alimentam esperanças de mudanças estruturais e conjunturais, como se a campanha presidencial (sem mencionar as campanhas em cada Estado), o monstro da inflação e o pesadelo da recessão dessem tempo e bom-humor aos dirigentes do país para que elas sejam possíveis.

O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, num bom exemplo de que sua posição de sociólogo se sobrepõe até mesmo à sua condição momentânea, lembrou, durante a reunião ministerial da última segunda-feira, que não está disposto a perder tempo e, por isso, espera de seus parceiros na luta contra os problemas nacionais o mínimo de bom-senso, porque ele (Fernando Henrique) pode deixar tudo e voltar às suas aulas a estudantes universitários.

Por isso, o empenho de todos foi novamente lembrado com um tempero de desafio e um pouco de desdém. O ministro sociólogo deixou claro que está na briga, mas que ele também tem os seus limites e quando eles forem alcançados o grande fardo será entregue a outro que assuma a sua vez. O recado foi bem dado e bem interpretado, mas foi de bom tom não atribuir-lhe o peso e a importância que realmente tem.

Afinal, o anúncio de predisposição de um ministro de entregar o cargo diante de atitudes que considera “pequenas” num processo que exige soluções rápidas e das quais dependem toda a nação é uma declaração que prenuncia dias mais amargos. A expectativa agora é de que os envolvidos nessa batalha se unam e formem a trincheira contra o dragão da inflação, do contrário, o mentor da operação de ataque bate em sinal de retirada.